

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho
Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XXI

OUTUBRO DE 1960

N.º 169

A PSEUDO-CRÍTICA

E A SAGRADA ESCRITURA

Tem havido sempre críticos que em nome de uma certa ciência — o seu verdadeiro nome é, antes, pseudo-ciência — têm procurado pretender provar que a Sagrada Histórica contém falsidades históricas.

Já lá vai o tempo em que um Voltaire acusava a Bíblia de falar de povos que nunca teriam existido, como por exemplo os Hititas.

Pois hoje está plenamente demonstrada a existência destes povos, conhecendo-se, perfeitamente, as suas migrações através da Ásia Menor e do norte de África.

E como este caso, tantos e tantos outros.

Destes tais críticos, e destas tais críticas bem disse William James que constituíram a «tolice clássica do cientismo do século XIX.»

Afirmaram alguns destes tais pseudo-críticos, por exemplo que a primeira parte da Bíblia não era, realmente, uma narração de factos ocorridos, naquela altura, mas antes um relato feito séculos mais tarde, por determinados escribas ou mesmo sacerdotes, que assim procuravam elogiar e encomiar os seus antepassados. Cita-se, por exemplo o cântico de Moisés em Exodo 15, afirmando-se que foi escrito depois da construção do templo por Salomão, ou, porven-

tura, depois do Cativo da Babilónia.

Baseavam as suas falsas afirmações em certas palavras e frases que se encontram no citado cântico, dizendo que tais expressões não podiam ter sido usadas no tempo do Êxodo, pelo que o cântico não era de Moisés.

Pois sabemos hoje que tais expressões eram próprias do tempo mosaico.

Está demonstrado que tais e outras expressões apontadas pelos críticos — por exemplo no Salmo 68, são reflexos de peculiaridades gramaticais canaanitas.

Graças a Deus que por cada um pseudo-crítico surgem dez verdadeiros críticos que verdadeiramente iluminados pela luz segura da verdade, refutam os erros que se pretendem espalhar.

Há anos atrás negava-se a autenticidade dos relatos históricos dos livros dos Reis; as narrações dos patriarcas eram consideradas «lendas piedosas».

Não passou muito tempo que não se fizessem escavações arqueológicas de grande valor e importância histórica que vieram demonstrar a autenticidade e historicidade das narrativas bíblicas.

A imprensa anuncia continuamente a descoberta de novos elementos arqueológicos, principalmente, na Palestina que vêm, sem-

pre confirmar, cada vez mais, a historicidade da Sagrada Escritura.

São as cidades, os reis, as batalhas, os tratados que se mencionam na Bíblia que são confirmados pelas descobertas arqueológicas.

No delta do Nilo, por exemplo, descobriram-se as cidades onde os israelitas viveram em odiosa escravidão; descobriram-se os restos do fogo e da destruição que acompanharam os filhos de Israel na conquista da Canaã; também em Gabaa se descobriu a fortaleza do rei Saúl, em cujos muros o jovem David cantou ao som da sua harpa; igualmente em Magedo se encontraram essas enormes cavalariças do rei Salomão, que tinha doze mil soldados de cavalaria.

E assim por diante.

Têm sido as pedras, no seu mudo mas eloquente testemunho, a clamar bem alto a verdade da Sagrada Escritura.

E esses pseudo-críticos têm-se visto obrigados a emudecer, perante o testemunho irrefutável das descobertas arqueológicas.

Mas, infelizmente, a cegueira continua a ocultar-lhes a verdade.

Por vezes os tais críticos afirmam que os seus ataques à Bíblia são simplesmente o resultado das suas investigações, de modo que estariam prontos a aceitar a verdade onde quer que ela se encontrasse.

PÁGINA EDITORIAL

«Olhai para cima!...»

Em pleno Outono tudo nos convida a recordar e a meditar na expressão do Salvador: «Levantai os vossos olhos...»

Se erguemos os nossos olhos para o que nos rodeia, por toda a parte encontramos sinais iniludíveis de que nos aproximamos, rapidamente, do fim.

Prezados Irmãos! Não olhemos para trás; nem tão pouco olhemos para baixo. Olhemos, sim, para cima, bem para o alto, pois é de lá que nos vem a Salvação.

Mais dois meses e outro ano terá entrado no sorvedoiro do tempo, que tudo consome, que tudo devora sem remédio.

É um novo ano, nestes tempos, em que o tempo foge tão velozmente representa muito.

Apressemos-nos, portanto, em aproveitar todo o tempo que o Senhor na sua divina misericórdia ainda nos concede para espalhar a Mensagem.

Olhemos, pois, para cima, bem para o alto, bem para Jesus o nosso divino Salvador e com toda a confiança na sua ajuda, lancemo-nos, denodadamente, ao trabalho.

O Ano Bíblico

Quem tiver seguido a Leitura do Ano Bíblico encontrar-se-á, em fins de Outubro, no Evangelho de S. João.

Talvez haja quem, neste momento, lamente não ter seguido a leitura diária da Palavra de Deus.

Prezados Irmãos! Cobrem ânimo; estamos, ainda, muito a tempo, de principiar.

É principiar, imediatamente, depois da leitura destas linhas, que talvez representem para muitos de nós um amoroso convite da parte do nosso bendito Salvador.

Já pensastes, prezados Irmãos e Irmãs, que pode ser esta a última vez que recebeis esta advertência?

Não é verdade que não temos a vida nas nossas mãos?

Não é verdade que, no ano passado, nesta mesma altura, tantos dos nossos irmãos e irmãs

espalhados pelo mundo fora, leram, pela última vez, o seu Ano Bíblico?

Comecemos, portanto, desde já, a leitura diária da Bíblia, se ainda não o fazemos.

Não importa a ordem, com que o façamos, nem importa o dia em que se principia.

Importa, sim, que façamos, diariamente, a sua leitura.

E, prezados Irmãos, se fosse este ano, o nosso último ano de vida?...

Fala a Mensageira do Senhor

«Estamos perto da consumação dos tempos. Foi-me mostrado que os juízos retributivos de Deus já estão caindo sobre a terra. O Senhor advertiu-nos acerca dos acontecimentos que estão prestes a ocorrer. A luz irradia da sua Palavra; as trevas, contudo, cobrem a terra e uma escuridão recobre os povos. «Quando disserem: Há paz e segurança, — então lhes sobrevirá repentina destruição... e de modo nenhum escaparão.»

Revista Adventista

É com o maior prazer que anunciamos que a nossa *Revista Adventista* vai ser profundamente remodelada.

Se até aqui já constituía um precioso repositório de informações noticiosas tanto do nosso campo como de todo o Mundo adventista, apresentando, também, excelentes artigos de investigação bíblica e científica, além de páginas escolhidas do Espírito de Profecia — a partir do próximo ano incluirá novas e valiosas secções, nomeadamente o comentário da Escola Sabatina.

Prezados Irmãos! Cumpre-nos assinar e divulgar a nossa *Revista Adventista*. A sua presença tem de ser indispensável em todos os nossos lares.

É o nosso órgão de doutrinação e de informação. Que o novo ano abra as portas de todos os nossos lares à nossa *Revista Adventista*.

A. Casaca

Infelizmente, porém, quando se lhes mostra a verdade, fecham os olhos, porque a verdade cega-os e cegos, como são e querem continuar a ser, não se convertem.

Demos graças a Deus pela maravilhosa luz que nos concedeu

e que nos permite ver e amar a verdade.

A nossa fé baseia-se nesse Livro dos Livros que é a Palavra de Deus. Nem toda a eternidade, na pátria celestial será bastante para podermos estudar, apreciar e amar

a Palavra Divina. Como povo da Bíblia que nos orgulhamos de ser, cumpre-nos estudar a fundo e amar apaixonadamente a Bíblia Sagrada.

A. C.

22 DE OUTUBRO DE 1844

O mês de Outubro lembra-nos uma data importante. Há cento e dezasseis anos atrás, e, precisamente, no dia 22, começou no Céu o juízo investigativo.

O longo prazo decorrido desde que se iniciou essa tão solene obra, deve levar todo e cada um dos Adventistas do Sétimo Dia, a reflectir sèriamente. Deve proceder a um verdadeiro exame de consciência.

Dirijamos, por isso, a nós mesmos, perguntas como estas:

Estou eu preparado que para o meu caso seja examinado?

Abandonei eu todo o pecado conhecido?

Entreguei-me sem reservas a Jesus?

É Jesus o meu Advogado?

Estou eu fazendo tudo o que posso para levar a outras pessoas o Evangelho?

Um exame íntimo desta natureza é sempre proveitoso. Faz-nos compreender a necessidade da graça e o poder de Deus. Tornam-nos conscientes de erros que devemos corrigir, de obrigações que temos de cumprir, de pecados que temos de confessar. Também revela se os nossos interesses se polarizam no próprio eu, ou em Jesus. Faz ressaltar, vivamente, o nosso estado de mornidão, e torna-nos anelantes de avivamento e de reforma.

É claro que Satanás também se torna presente, nestas ocasiões. Interpõe-se, então, para nos acusar, tanto perante nós mesmos, como perante o Senhor. Pinta o quadro dos nossos pecados com cores tão negras que o nosso caso parece desesperado. Declara que é impossível salvarmo-nos, e acrescenta que melhor será tratarmos de gozar os prazeres do mundo, pois nunca conseguiremos alcançar o Céu. Espera que à vista dos nossos erros e tal maneira desanimemos, que desistamos da luta.

Temos, porém, um Advogado

Mas graças a Deus, não precisamos de desesperar, pois temos um advogado à direita do Pai, no Céu.

Ali, rodeado de milhões de resplandecentes seres angélicos, está Alguém que, há quase dois mil anos, veio à Terra e habitou entre os homens. Tomou sobre Si a carne humana, identificando-se, assim, connosco e tornando-se nosso Salvador e Irmão mas velho. Percorreu as estradas poeirentas da Palestina, levando bênçãos, aonde quer que fosse. Defrontou as mais poderosas tentações de Satanás e saiu vitorioso. Foi crucificado entre dois malfetores, mas a maldade dos homens não pôde despojar-l'O do seu poder. Embora pregado no madeiro da cruz, ninguém — nem mesmo os invejosos dirigentes judeus, nem o poderoso Império Romano, nem o príncipe do mal em pessoa — pôde impedir o nosso Advogado de exercer o seu direito real de salvar os pecadores.

«Estarás comigo no Paraíso», assegurou Ele ao ladrão arrependido, que lhe supplica: «Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino».

Pouco depois, Jesus morreu. Foi sepultado, mas a sepultura não pôde retê-l'O. De manhã cedo, no primeiro dia da semana, houve um grande terramoto. Uma luz radiante circundou o escuro túmulo. Os mais escolhidos guerreiros romanos caíram, como fulminados. A pedra foi afastada, e eis que o Senhor ressuscitou, tendo destruído o poder do pecado e da morte!

É este o Advogado que defende o nosso caso, no julgamento que agora se está processando. Ele não desculpa os nossos pecados — pois não há desculpa para o pecado. Mas chama a atenção para o facto de nos termos arrependido, e de termos fé n'Ele. Reveste-nos da sua justiça, de modo que não apareça a vergonha

da nossa nudez. Apresenta-nos ao Pai, «sem mácula nem ruga, nem oisa semelhante». Jesus «pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por ele.» (Heb. 7:25).

Com semelhante Advogado, por que deveria alguém desanimar? Por que desistir da luta? Por que haveria alguém de dizer: «Não vale a pena esforçar-me?»

Todos podem ser salvos.

Mas nem todos serão salvos. Porque?

Porque Jesus não pode interceder a favor dos que amam o pecado. Temos de nos arrepender e de abandonar o pecado, se é que queremos que ele seja perdoado e apagado dos livros do registo. De contrário, o pecado permanecerá como testemunha contra nós. Ficarão os pecados, e o nome é que será apagado. Temos de o confessar e de o abandonar.

«O pecado pode ser escondido, negado, encoberto, ao pai, à mãe, à esposa, aos filhos e aos companheiros; ninguém, a não ser o seu autor, poderá alimentar a mínima suspeita da falta; esta, porém, jaz patente perante os seres celestiais. As trevas da noite mais escura, o segredo de todas as artes enganadoras, não são suficientes para velar do conhecimento do Eterno um pensamento que seja. Deus tem um relatório exacto de toda a conta injusta, de todo o negócio desonesto.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 486.

Quando se contempla a perturbada cena da situação internacional, não se pode fugir à convicção de que as coisas não poderão durar muito tempo. Quando vemos o estado corrupto da sociedade, mais se radica esta convicção. Quando vemos como os homens amam e glorificam o pecado — por meio do cinema, de livros e jornais, do rádio e da televisão — temos a impressão de que em breve, a condenação de Sodoma recairá sobre

7 Razões por que um Cientista crê em Deus

— Prof. A. CRESSY MORRISON —

(Ex-Presidente da Academia de Ciências de Nova Iorque)

Estamos, ainda na aurora de uma era científica e, cada nova luz, revela mais claramente o trabalho, a obra de um Criador inteligente. Nestes últimos 90 anos que decorreram desde Darwin, temos feito magníficas descobertas; com um espírito de humildade científica e de fé baseada em estudos, estamos nos aproximando, cada vez mais, de um conhecimento de Deus.

Da minha parte, conto sete razões para a minha fé em Deus.

1.º — Por inabaláveis leis matemáticas, podemos provar que o Universo foi planejado e executado por uma grande Inteligência.

Suponhamos que o leitor toma dez moedas, marcadas de 1 a 10, e as coloca num bolso, depois de as ter misturado muito bem. Tente agora tirá-las, na ordem de 1 a 10, devolvendo cada uma delas, e misturando-as, de novo, cada vez. Matematicamente, sabemos que a

possibilidade de tirar primeiro o número 1 é de um para dez; a possibilidade de tirar 1 e 2, sucessivamente é de um para cem, e assim por diante. A possibilidade que temos de as tirar todas, ordenadamente, de 1 até 10, alcançaria a inacreditável soma de 10 biliões!

Pelo mesmo raciocínio, são tantas as condições exactas, necessárias para a vida na Terra, que esta não poderia existir, simplesmente, através de relações alcançadas pelo acaso. A Terra gira em torno dos seus polos, à velocidade de 1.000 milhas diárias; se ela passasse a girar a 100 milhas por hora, os nossos dias e noites seriam 10 vezes mais compridos do que são, o calor do Sol queimaria toda a vegetação, durante os longos dias, enquanto que, durante as longas noites, o frio acabaria por congelar qualquer raiz que tivesse sobrevivido.

Ainda sobre o Sol, fonte da nossa vida, sabemos que ele tem uma temperatura de superfície igual a 12.000 graus Fahrenheit, e que o nosso planeta está suficientemente longe para que esse «fogo» nos aqueça, e não vá além do que podemos suportar!

Se o Sol desse, apenas, metade da sua radiação, morreríamos congelados; se nos desse, apenas metade a mais, morreríamos torrados.

A inclinação da Terra, que nos dá um ângulo de 23 graus, é a responsável pelas quatro estações do ano; se ela não tivesse essa inclinação exacta, os vapores vindos do oceano, mover-se-iam de Norte a Sul, acumulando continentes de gelo. Se a Lua estivesse, digamos, apenas a 50.000 em vez da sua actual distância, as nossas marés seriam tão grandes que os continentes, duas vezes por dia, encontrar-se-iam, totalmente submersos; até as montanhas seriam, em pouco tempo, eliminadas pela erosão.

Por causa desses e de muitos outros exemplos, não há uma probabilidade, em milhões, de que a vida no nosso planeta seja, apenas, um acidente.

2.º — A riqueza de recursos da vida, para conseguir a sua finalidade, é uma manifestação de Inteligência dominante.

O que a vida é, por si mesma, ninguém jamais conseguiu entender. Não tem peso, nem dimensões, mas ninguém nega a sua força: uma simples raiz, crescendo pode remover uma rocha. A vida conquistou a água, a terra e o ar, dominando os elementos, compelindo-os a dissolver-se, e a retomarem as suas combinações.

Observe-se uma quase invisível unidade de protoplasma, transparente, gelatinoso, capaz de se mo-

a Terra. A paciência de Deus é infinita, e também é ilimitada a sua misericórdia; mas sem muita demora terá de proceder ao ajuste de contas com o pedaço e com os pecadores.

E o Senhor nosso Deus virá em favor do seu povo.

Vinte e dois de Outubro de mil novecentos e sessenta!

Queira Deus que este aniversário da obra do juízo nos lembre, mais uma vez, de que breve é o tempo, que ainda nos resta.

Desperte-nos ele para o reconhecimento de que temos necessidade de nos prepararmos completamente para a Vinda de Jesus.

Que ele nos leve a abandonar tudo que nos queira impedir de participar num espírito de avivamento e de reforma.

Que ele nos inspire um novo zelo missionário! (*Review and Herald*).

Crescimento em Jesus

«Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disto a vossa primeira tarefa. Seja esta a vossa oração: «Tomam-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projectos. Usame, hoje, no Teu serviço. Permanece comigo e permite que toda a minha obra se faça em Ti.» Consagrai-vos a Deus, todas as manhãs, para esse dia. Submetei-lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de se executar, conforme o indique a Sua Providência. Assim, dia a dia, podereis entregar nas mãos de Deus a vossa vida, e, deste modo, ela se moldará cada vez mais, segundo a vida de Jesus». — *Vereda de Cristo*, pág. 97.

ver, retirando a sua energia do Sol. Esta célula única, essa entidade transparente retém, em si, o germe da vida, e tem o poder de distribuir a vida aos seres grandes ou pequenos. O poder do protoplasma é maior que o da vegetação, dos animais e dos seres humanos, pois toda a vida vem dele. A Natureza não criou a vida; as rochas incandescentes e o mar não poderiam, por si sós, encontrar os elementos necessários. Quem os colocou, então, aqui?

3.º — A sabedoria animal fala irresistivelmente de um Criador, bom, que deu instinto a seres, que de outro modo, seriam criaturas desamparadas.

O salmão novo fica no mar, durante anos, e depois volta para o seu próprio rio, viajando através de tributários que o conduzem ao ponto exacto, onde nasceu. Que é que o conduz tão acertadamente, nesta sua viagem de regresso? Se o levamos para um outro rio, reconcerá, imediatamente, que está fora do seu próprio curso, e achará, de qualquer modo, o seu caminho, até ao rio principal, e daí, até ao seu próprio afluente.

Ainda é mais difícil resolver o mistério das enguias. Essas criaturas espantosas emigram, na sua maturidade, de todos os pontos da Terra — as da Europa através de milhas do oceano — e todas para se reunirem nas mesmas profundidades abismais, perto das Bermudas. É ali que se reproduzem e morrem. As enguias novas, aparentemente sem nenhum meio de saberem alguma coisa, excepto que se encontram num abismo de água, retomam, contudo, o caminho de retorno, não apenas para a mesma praia, de onde seus pais vieram, mas daí para os rios, para os lagos e para as fontes — de modo que cada porção de água está sempre povoada de enguias. De onde se origina o impulso da direcção que as enguias manifestam tão claramente?

Uma vespa subjuga um gafanhoto, cava um buraco na terra,

pica o gafanhoto no lugar exacto para que não morra, mas para que fique, apenas inconsciente e viva numa forma de alimento em conserva. A seguir, a vespa põe os ovos perto, para que os filhinhos — que ela nunca verá — quando nascerem, possam morder o insecto com que se alimentam, sem contudo o matar; para eles se o gafanhoto estivesse morto, seria fatal. A mãe, depois de pôr os ovos, voa e parte para morrer algures; nunca verá os filhos. É claro que a vespa executou aquela delicada operação de picar o gafanhoto, com toda a perícia, desde a primeira vez, ou então não haveria vespas! Essas técnicas misteriosas não podem ser explicadas por adaptação; são inatas.

4.º — O homem tem mais do que instinto: tem o poder da razão.

Nenhum outro animal deixou, jamais gravada a sua habilidade de contar 10, nem mesmo de ter entendido o que significa 10. Enquanto que o instinto é como uma nota única, numa flauta, bela, mas limitada, o cérebro humano contém todas as notas de todos os instrumentos de uma orquestra. Não há necessidade de nos alongarmos neste quarto tópico. Graças à razão humana podemos contemplar a possibilidade de sermos o que somos, simplesmente, porque recebemos uma centelha da Inteligência Universal.

5.º — Em certos fenómenos que hoje conhecemos, e que Darwin ignorou, revela-se uma provisão para todos os seres vivos, como por exemplo, a maravilha dos genes.

Tão infinitamente pequenos são esses genes que, se todos eles, os responsáveis pela vida de todos os seres da Terra, fossem postos juntos, num único lugar, teríamos menos do que a quantidade suficiente para encher um dedal.

Contudo esses genes ultramicroscópicos, e os seus companhei-

ros, os cromossomas habitam cada célula viva, e são a chave absoluta de todas as características humanas, animais e vegetais. Um dedal é o lugar pequeno onde podemos pôr todas as características individuais de quase três bilhões de seres humanos. Contudo, os factos vão além de questões. Como podem os genes conter toda a hereditariedade normal de uma multidão de antecessores, e preservar a psicologia individual, num espaço infinitamente reduzido?

Realmente, a evolução inicia-se na célula, a entidade que contém os genes.

O facto de uns poucos milhões de átomos, encadeados num ultramicroscópio gene, poderem governar, absolutamente, toda a vida na Terra, é um exemplo do profundo engenho e previsão que poderiam emanar, apenas, de uma Inteligência criadora; não há nenhuma outra hipótese que satisfaça.

6.º — Pela economia da Natureza, somos forçados a admitir que, apenas uma Sabedoria infinita, poderia ter previsto e preparado, tudo, com tal subtilidade de administração.

Há vários anos, foi plantada na Austrália, uma determinada espécie de cacto, para servir de cerca protectora. Não tendo nenhum insecto inimigo, na Austrália, esse cacto começou a crescer e a multiplicar-se espantosamente; tal crescimento alarmante levou o cacto a cobrir uma incrível área, correspondente ao tamanho do território da Inglaterra, levando as pessoas a retirarem-se para outros lugares, destruindo-lhes as fazendas e plantações. Procurando uma defesa, os entomologistas correram o mundo; finalmente, encontraram um insecto que vivia, exclusivamente, do cacto, e nada mais do que do cacto. Este insecto reproduzia-se, livremente, e não tinha inimigo na Austrália. Tal insecto, rapidamente conquistou a vegetação e, actualmente, a peste do

(Continua na pág. 12)

A Responsabilidade de Ligar e Desligar

«Tudo o que ligares na Terra será ligado nos Céus. . .»
Mat. 16:19.

As palavras «ligar» e «desligar» eram de uso diário entre os judeus, respectivamente para proibir e para permitir ou mandar. Eram empregadas em relação às decisões que os rabis tinham de tomar sobre qualquer dos inumeráveis casos que lhes eram submetidos. Se se tratava, por exemplo, de apanhar lenha em dia de Sábado, podiam dizer: «A escola de Shammei *liga-o*», ou seja, proíbe-o; «a escola de Hillel *desliga-o*», ou seja, permite-o (1).

Quando se falava de plenos poderes legítima ou abusivamente disfrutados por alguém, eram igualmente usadas essas palavras. Assim, em Flávio Josefo, vemos que «os fariseus se uniram a ela [a Alexandra], para a ajudar no governo. Estes são uma certa seita de judeus que parecem mais religiosos do que os outros, e parecem interpretar a lei com mais exactidão. Ora Alexandra prestava-lhes extraordinária atenção, como sendo uma senhora de grande piedade para com Deus. Mas esses fariseus insinuaram-se astuciosamente pouco a pouco no seu favor, e tornaram-se os administradores reais dos negócios públicos; eles baniam e subjugavam a quem lhes agradava; *ligavam* e *desligavam* a seu beloprazer; e, para dizer tudo de uma vez, elles disfrutavam dos prazeres da autoridade real, ao passo que as expensas e dificuldades dela pertenciam a Alexandra» (2).

Quando Jesus disse a Pedro: «Tudo o que ligares. . . Tudo o que desligares. . .» empregou, pois, uma expressão corrente, cujo sentido podia ser bem compreendido, mas que mais tarde se tornou de difícil compreensão, por não ser usada nas línguas europeias, começando pela língua grega.

O que a expressão não significa

Note-se, em primeiro lugar, que por meio destas palavras não é conferido a Pedro nenhum privilégio exclusivo. Os mesmos termos foram dirigidos igualmente aos outros discípulos do Mestre: «Tudo o que *ligardes* na Terra será ligado nos Céus e tudo o que *desligardes* na Terra será desligado nos Céus» (Mat. 18:18).

Comparado o nosso texto com outros textos bíblicos vemos, além disso, que ele não confere o mínimo poder para alterar, dispensar ou anular qualquer preceito das Escrituras. O verbo grego traduzido por desligar é *luo*. Ora esse mesmo verbo é empregado em expressões como estas: «A Escritura não pode ser *anulada* (desligada, *luse*—João 10:35); «Qualquer que *violar* (desligar—*luse*) um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar os homens, será chamado o menor no reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos Céus» (Mat. 5:19).

Finalmente, seria absurdo interpretar estas palavras no sentido de que qualquer decisão tomada por um discípulo de Cristo — boa ou má, acertada ou imprudente — relativa à doutrina, à moral, à disciplina eclesiástica, tem de ser forçosamente sancionada pelo Céu. Tal interpretação seria absolutamente contrária a todos os demais ensinamentos da Sagrada Escritura.

Note-se, a propósito, que ao dirigir essas palavras, no plural, aos discípulos, o Mestre não se refere ao abandono da fé ou a graves danos cometidos contra a Igreja. Limita-se ao exemplo tão frequente de uma simples ofensa pessoal — «Se teu irmão pecar contra ti. . .» (Mat. 18:15). No caso de se não ter chegado a um acordo, depois

de seguidas as indicações bíblicas, terá de se concluir que o irmão que se não conciliou fica irremediavelmente privado da vida eterna?

Sentido da expressão

Para compreendermos bem o sentido do nosso texto, vamos lê-lo com atenção no grego. Não lemos ali, como na tradução portuguesa, «*será ligado*» e «*será desligado nos Céus*». O verbo não se encontra no futuro imperfeito, mas no futuro anterior ou perfeito.

A construção perifrástica do futuro anterior ou perfeito, como aparece no nosso texto, não é comum, mas também não é única, quer no grego do Novo Testamento, quer no grego dos papiros descobertos até hoje.

F. M. Abel apresenta dois exemplos extraídos de papiros: *ésomai eboetheménos*, terei sido socorrido; *ése moi megálen cháritan katatetheiménos*, tu me terás dado um grande prazer (3).

Nos Evangelhos, disse Jesus: «Cuidais vós que vim trazer paz à Terra? Não, vos digo, mas antes dissensão; porque daqui em diante *estarão cinco divididos numa casa; três contra dois e dois contra três*. (Luc. 12:51, 52). O texto grego para *estarão divididos* é *ésontai diamemerisménoi*, terão estado divididos. Primeiro vem a divisão en-

(1) A. Barnes, *Notes on the new Testament, vol. I, Matthew and Mark*. London, Blackie & son, pág. 171. Podem ver-se muitas ilustrações do uso diário desta expressão entre os judeus, em Lightfoot, *Hor. Heb.*, vol. II, págs. 238-241.

(2) Flávio Josefo, *Guerras dos Judeus*, liv. I, cap. V, parág. 2.

(3) F. M. Abel, *Grammaire du Grec Biblique suivie d'un Choix de Papyrus*, Paris, librairie Lecoffre, 1927, pág. 268.

tre os membros da família; depois vem a dissensão.

A mesma construção se encontra no texto que estamos estudando: «Tudo o que ligares (ou ligardes) na Terra, terá sido ligado (*éstaí dedeménon*) nos Céus; tudo o que ligardes (ou desligardes) na Terra, terá sido desligado (*éstaí leluménon*) nos Céus». Primeiro vem o que o Céu permite ou proíbe; depois vem o que o discípulo de Cristo deve fazer ou omitir.

Referindo-se a este texto, escreve W. D. Chamberlain: «Estas palavras são traduzidas erradamente por 'será ligado' e 'será desligado', parecendo fazer Jesus ensinar que os actos dos apóstolos determinarão o procedimento do Céu. Deviam ser traduzidas por 'terá sido ligado' e 'terá sido desligado'. Salienta-se assim o pensamento de que os actos dos apóstolos devem ser inspirados ou guiados pelo Céu. Cf. Mat. 18:18. Esta tradução incorrecta tem dado aos expositores e teólogos motivo para grande confusão» (1).

Longe, portanto, de sancionar os actos feitos por simples homens fáceis, o texto salienta a necessidade de que esses actos estejam de acordo com o que o Céu permite ou proíbe. Essa necessidade tornava-se particularmente imperiosa para o impulsivo Pedro. Se tivesse procedido de acordo com esta norma, Pedro não teria merecido a censura que Jesus lhe dirigiu pouco depois quando o apóstolo pretendeu dissuadi-lo de sofrer a morte expiatória (Mat. 16:21-23), não teria negado o Mestre, e não teria sido repreendido por Paulo devido ao seu procedimento imprudente (Gal. 2:11).

Por não terem seguido essa norma, foram por Jesus denunciados os escribas e fariseus. Tinham ligado e desligado, proibido e permitido, não o que o Céu havia ligado e desligado, e que se encontrava revelado na Palavra de Deus, mas o que as suas tradições, de pura invenção humana, estabeleciam como permitido ou proibido.

Os discípulos de Cristo não deviam proceder como os escribas e fariseus. Tudo quanto fizessem de-

A Verdade na Vida

«Para que possamos cumprir a Obra de Deus, não basta PREGAR a verdade; é necessário vivê-la. Jesus deve habitar em nós e nós n'Ele. Cada um de nós deve ter uma experiência pessoal e fazer esforços para alcançar as almas.

Deus exige que empreguemos todas as nossas energias neste trabalho, e que, por um esforço perseverante, nos apliquemos a realizá-lo de uma maneira aceitável. Deus espera que cada um de nós abra o seu coração à graça de Jesus, a fim de se tornar uma luz resplandecente. Se os obreiros de Deus desenvolverem todas as suas energias, poderão trabalhar com inteligência e sabedoria e Deus responderá, de certo, aos seus esforços para elevar, afinar e salvar os seus semelhantes. Todos os obreiros devem dar mostras de tacto e colocar as suas faculdades sob o controle do Espírito de Deus. Devem ter a peito estudar a Palavra e ouvir a voz de Deus falar-lhes pelos seus oráculos vivos, pelas suas repreensões, instruções ou encorajamentos. O seu Espírito fortificá-los-á para que possam, como

obreiros de Deus, avançar na vida cristã. Assim, passo a passo, serão conduzidos para os mais elevados cumes e a sua alegria será completa.

Desde que realizem a obra que Deus lhes confiou, os obreiros não terão tempo de se glorificarem, nem sequer terão tal desejo; não terão tempo de se entregarem a murmuracões, nem de se queixarem, porque os seus affectos estarão concentrados nas coisas do alto e não nas da terra. Terão, então, a alma e o corpo ao serviço do Mestre. Os obreiros não trabalharão egoisticamente, mas por amor e pelo amor de Jesus; por isso, renunciarão a si mesmos. Erguerão a cruz do Salvador, porque são verdadeiros discípulos. Alimentando-se todos os dias das preciosas verdades da Palavra de Deus, serão fortificados pelo dever e tornados firmes pela prova.

Desta maneira, tornar-se-ão homens e mulheres fortes, bem desenvolvidos em Jesus. Serão, então, verdadeiros filhos e verdadeiras filhas do Rei dos céus» (Testemunhos, vol. II).

via estar de acordo com as normas do Céu, reveladas nas Sagradas Escrituras.

Conclusão:

Tomando no seu conjunto as palavras dirigidas a Pedro, vemos que a Igreja é comparada a um edifício fundado sobre Jesus. Como mordomo encarregado desse edifício o discípulo tem o privilégio de abrir a porta para que o maior número possa entrar, ou, noutros termos, tem o privilégio de levar a Jesus o maior número possível de pecadores. Mas a condição de mor-

domo impõe deveres. Tudo quanto fizer, deve estar de acordo com as normas do seu senhor. Caso contrário, a sua mordomia será dada a outrem. Como mordomo de Jesus, deve o cristão, e de modo particular o ministro de Cristo, basear todo o seu procedimento nas normas estabelecidas pela Palavra de Deus.

Ernesto Ferreira

(2) William Douglas Chamberlain, *An Exegetical Grammar of the Greek New Testament*, New York, The Mac-Millan Company, 1948, pág. 80.

25 ANOS AO SERVIÇO

Completaram-se em 30 de Abril 25 anos sobre a data em que S. Ex.^a o Governador Geral de Moçambique autorizou o estabelecimento nesta província, da Missão Adventista do Sétimo Dia.

É difícil de resumir o que se passou nestes 25 anos, mas poderemos dizer com alegria que «até aqui o Senhor nos ajudou».

Um esforçado Missionário, o Pastor Max Webster, com sua esposa e dois filhos, vieram para Moçambique na ânsia de trazer a luz maravilhosa do Evangelho a este povo,

Numa recente carta que recebi deste Irmão, ele recordava:

«Eu, minha esposa e dois filhos esperámos por dois anos numa casa arrendada no Ile, antes de receber a autorização do Governador Geral em Lourenço Marques para começar a Missão em Munguluni. No ano de 1935, depois de receber a autorização fui a Munguluni e construí uma casa temporária feita de paus, bambús e palha, em que vivemos 11 meses, enquanto construía a casa definitiva. Mesmo vivendo assim numa casa daquelas sentimo-nos muito contentes por estar num lugar onde podíamos trabalhar. Enquanto vivi naquela cabana plantei os eucaliptos perto das casas e quando o tempo chegou de construir a Igreja já estavam bastante crescidos para usar na construção».

Hoje Munguluni é uma bela estação Missionária mas no tempo em que o Pastor Webster aqui chegou era mato, com altas árvores, sem estradas, com gente que fugia ao ver aproximar-se o branco.

A clareira aberta no mato foi aumentando. Assim como as árvores eram derrubadas, também se desfazia a indiferença, a superstição e a desconfiança do povo. Munguluni, é uma palavra nativa que quer dizer o lugar onde se amontoavam os desperdícios das cascas de árvore, donde faziam a simples cobertura para a sua nudez. Assim se transformou um monturo, num lugar donde começou a irradiar uma luz que tem penetrado nos mais longínquos lugares de Moçambique.

«Durante a primeira reunião geral em 1937 — continua o Pastor Webster — muitos deles ainda fugiam; assim sucedeu quando quisemos tirar algumas fotografias.»

Os primeiros baptismos foram realizados em 1939. Alguns desses primeiros crentes continuam firmes e fazem ainda parte da nossa Igreja.

Nesse mesmo ano chega o prof. Gouveia para iniciar o trabalho escolar que foi confirmado pelo alvará dos Serviços de Instrução de Novembro de 1940. Foi notável a actividade escolar desenvolvida não só com alunos crianças mas com outros adultos que de noite aprendiam a ler e a escrever.

Por motivos de saúde teve este professor que regressar a Portugal em breve. Os edifícios foram surgindo a pouco e pouco na Missão: duas casas de habitação, uma bela Igreja, escola, dispensário e outras instalações de menor importância.

Entretanto o Pastor Mansell que já havia sido convidado em 1933 para este campo aceita o chamado e dirige-se da América, passando por Lisboa, donde saiu em 1947.

Segundo uma sua carta ultimamente recebida conta: «Em Moçambique encontramos pela primeira vez o Pastor Webster, que dirigia a Missão naquele tempo, e quem tinha feito a chamada tantos anos antes e quem estava à nossa espera na primeira tentativa para lá chegar, quando ficámos detidos como prisioneiros dos Japoneses nas Filipinas. Bem podem imaginar a alegria com que ele nos conduziu para a Missão, e apontava coisas de interesse, incluindo a capela nova que podíamos avistar ao longe. Lá na distância, em cima de uma elevação, com as montanhas atrás, e emoldurada com verdura tropical, ficava finalmente o espectáculo que há tantos anos desejávamos ver».

O Pastor Webster esteve pouco tempo mais, sendo em 1949 dirigido um apelo para um novo pro-

fessor português, a que respondeu Samuel J. Graça, que chegou a 10 de Fevereiro. Samuel J. Graça manteve-se na Missão desde essa altura até Fevereiro de 1954, dirigindo a escola e ensinando. Durante o ano de 1953 também ficou como Director, depois da ausência de E. Mansell e quando da vinda de A. Lopes. Durante o tempo do Prof. Graça o trabalho de educação começou a traçar-se em bases sólidas, sendo ajudado por sua esposa e alguns bons elementos nativos. Pena foi que este trabalho ficasse interrompido em seguida durante cerca de quatro anos. No ano de 1949, a missão é visitada pelo Sr. Governador de Quelimane, Sr. Capitão Serpa Rosa.

A obra médica é iniciada com a vinda do primeiro missionário, por sua esposa. Ele mesmo conta «a minha esposa ensinou as mulheres mais habilidosas para tratarem as cutras na ocasião do nascimento dos filhos. Embora não tivéssemos dispensário pronto até ao ano em que saímos, ela ensinou a tratá-las nas suas próprias casas. Assim quase 100 crianças foram assistidas no seu nascimento pela minha mulher e suas ajudantes».

No tempo do Pastor Mansell continuou a acção médica, segundo ele mesmo também conta: «a minha esposa tomava conta do dispensário e fazia de parteira até à chegada de Ann May Vaugh, que contava ficar até à chegada de alguém português, mas que saiu antes mesmo de nós».

A obra aqui apontada, é uma parte da que se realizou. A mais importante no entanto é aquela que conseguiu transformar aqueles homens e mulheres que fugiam à aproximação do branco em crentes, com uma casa limpa, bem vestidos, sabendo trabalhar numa profissão e tendo desejo de melhorar a sua vida abandonando as suas más inclinações — o tabaco, o fumo, a feitiçaria e pensando em coisas que merecem apenas ser vividas.

DEUS EM MUNGULÚNI

É consolador ver os milhares de pessoas que através das actividades da missão encontraram um caminho para uma vida melhor. Seria igualmente interessante saber quantos alunos estão hoje empregados nas secretarias do Estado, das companhias, no comércio ou na indústria e que aprenderam a ler, a escrever e a servir a sua terra nesta Missão.

Ao labor esforçado dos missionários juntou-se a pouco e pouco o dos catequistas e pastores que foram sendo preparados para levarem a mensagem de salvação aos seus irmãos de raça. Nem todos estão hoje conosco ainda. Alguns saíram por sua própria vontade, outros a morte já os ceifou e descansam do trabalho realizado. É o caso do Pastor Horácio Luia, o homem que chegou primeiro ao lugar onde se encontra hoje a missão, e que faleceu em 1958, depois de esforçadamente ter organizado na região de Milange mais de 16 igrejas. Lembramos também os que estão hoje ainda ao trabalho e que dirigindo centrais ou catequeses procuram levar a mensagem do advento a todo o mundo nesta geração.

O Pastor Lopes esteve em Munguluni como director até Julho de 1957, data em que foi substituído por J. Morgado. No mesmo ano veio o Prof. Caldeira que saiu em 1959, ano em que chegou J. Carrilho, A. Nunes e A. Maurício.

Com a ajuda das nossas entidades superiores tem sido possível nestes três últimos anos, e graças à orientação do novo Presidente deste campo Pastor Lourinho, operar-se uma era de desenvolvimento não só material através de novas instalações, actividades, etc. mas também um grande progresso no trabalho missionário.

No ano de 1957 começou a construir-se o novo edificio escolar, o que vinha remediar uma situação deveras aflitiva. Nesse mesmo ano quando das matrículas, em que foram inscritos mais de 350 alunos

tivemos que os dividir pelas duas salas anexas à capela e os restantes pelas várias mangueiras existentes à volta do recinto principal da Missão. Ao mesmo tempo, já no princípio do novo ano, o novo dispensário começa também a ser construído e foram ambos os edificios inaugurados oficialmente em Setembro com a assistência das entidades oficiais do nosso Concelho. Entretanto já o dormitório das rapazes estava também em construção e foi inaugurado quando da visita do Pastor Wild. A Escola de Artes e Offícios foi organizada convenientemente, as casas de habitação foram restauradas, e breve iniciávamos também o pequeno internato para as raparigas que foi inaugurado quando da visita do Pastor Beloy.

Ao lado destes novos edificios o trabalho progredia em todos os lados. Foram estabelecidas centrais em Mocuba, Taquane, Milange, Marrucia e finalmente em Mirriua, onde Pastores dirigem o trabalho em áreas mais pequenas e portanto de mais fácil vigilância. Novos mestres foram colocados em novos

lugares apesar de todas as dificuldades, e um interesse fora do vulgar de alunos nas catequeses surgiu com a reorganização do programa.

O número de alunos actualmente existentes na Missão e nas centrais e catequeses passa dos 2.000. Neste ano começarão a funcionar algumas centrais pequenos dormitórios, para descongestionar o da missão.

A obra médica é em todo o lado o braço direito da Mensagem. Aqui o tem sido igualmente. O nosso pequeno «hospital» dirigido pela Ir. Milca Morgado tem desempenhado um belo papel no auxílio a milhares de pessoas que sofrem doenças sem conta pelo mato fora.

No último ano o trabalho feito compreendia:

Doentes novos	4.223
Tratamentos	18.485
Partos	6
Doentes internados	115
Latas de leite distribuídas	320

O valor desta assistência ultrapassou 25 mil escudos.

Comparando agora os números respeitantes ao crescimento de pessoas nos vários departamentos da Missão podemos constatar:

	1957	1958	1959
Membros da Igreja	998	1215	1586
Membros da Escola Sabatina ...	1860	3439	5541
Baptismos	122	250	450
Total de dízimos	22.261\$30	30.887\$20	44.813\$26
Total de ofertas	48.033\$90	62.219\$00	93.413\$30
Escolas sabatinas	40	47	51

Por estes números poderemos ter uma ideia do que Deus tem feito nesta Missão. Temos no entanto muitas dificuldades, que somente com o poder do Alto poderemos vencer. Para isso pedimos as orações de todos os nossos Irmãos que nos leem.

Munguluni celebrará este ano na altura do Congresso as suas bodas de prata, esperamos com a presença do primeiro missionário em Munguluni.

J. Morgado.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

A questão judaica

POR

SAMUEL E. KAPLAN

O Moderno Sionismo: É DE DEUS OU DOS HOMENS?

Durante os trinta e cinco séculos da sua existência, os Hebreus sofreram mais perseguições, guerras, expulsões e martírios do que qualquer outro povo sobre a face da terra. A sua surpreendente sobrevivência constitui para muitas pessoas um enigma permanente, um estranho paradoxo.

Eis o que diz o historiador Milman:

«Massacrados aos milhares, e contudo refazendo-se, sempre de novo, do seu tronco indestrutível, os Judeus aparecem em todos os tempos e em todas as partes do mundo. A sua perpetuidade, a sua imortalidade nacional é ao mesmo tempo o problema mais singular para o investigador político e objecto de profunda, reverente admiração para o homem religioso.» — *History of the Jews*, vol. II, págs. 398, 399.

Para o estudioso da Sagrada Escritura esta indestrutibilidade da raça hebraica não é nem misteriosa nem paradoxal; é simplesmente o desenvolvimento normal do benévolo plano de Deus a respeito daquele, que outrora foi o povo eleito. De facto, Deus declarou:

«E, demais disto também, estando eles na terra dos seus inimigos, não os rejeitarei, *nem se enfadarei deles, para consumi-los.*» (Levítico 26:44); «Porei termo a todas as nações, entre as quais te lancei; *mas a ti não porei termo.*» (Jeremias 46:28).

A maneira sobrenatural com a qual as doze tribus de Israel foram preservadas através dos séculos que *precederam* a vinda do Messias, é ilustrada em numerosos capítulos verdadeiramente impressionantes do Antigo Testamento.

Foram muitos os faraós e os Amans que, sequiosos do sangue hebraico, quiseram destruir este povo, mas debalde se encarniçaram contra ele. Os Amalecitas, os

CONCLUSÃO

Amonitas, os Moabitas, os Filisteus e outras nações pagãs da antiguidade, muito numerosas para serem mencionadas, acesas de um zelo satânico, moveram guerra exterminadora contra os Israelitas, mas foram sempre confundidas. Era claro que nenhuma força do mundo os poderia destruir. *Por quê?* Porque antes do primeiro advento de Jesus Cristo a esta terra, a raça hebraica gozou do privilégio de ser o povo eleito destinado a ser o progenitor do Messias.

O apóstolo Paulo assim escreve a respeito deles:

«Que são Israelitas, dos quais é a adopção de filhos de Deus, e a glória, e os concertos e a lei, e o culto e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente, Amén.» (Romanos 9:4,5).

Quantas oportunidades verdadeiramente únicas não foram oferecidas à descendência de Abraão! Que visões de glória imortal não foram descerradas ao povo messiânico! Devia ele ser o «tesouro particular» de Deus, «um sacerdócio real e nação santa», a mais poderosa força espiritual do mundo. Fazia parte dos planos do Céu que a antiga teocracia de Israel, prolongada e glorificada, durasse por toda a eternidade. Ao profeta Ezequiel foi revelado, até os mínimos pormenores um plano divino inerente a esta teocracia universal, da qual, a antiga Jerusalém, igualmente prolongada e glorificada, devia ser, para sempre, a capital! Veja-se Ezequiel 46 a 48 e Jeremias 17:25-27.

Mas, infelizmente, porque Israel, como nação rejeitou o Messias, o Filho de Deus, este plano nunca se realizou! Os Hebreus perderam o seu direito ao estado de privilégio de que gozavam, e mais tarde, até à sua residência nacional.

Vejamos o Salvador compassivo enquanto chora sobre Jerusalém, a cidade que Ele ama: «Jerusalém! Jerusalém!... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quise! Eis que a vossa casa se vos deixará deserta.» — Lucas 13:34,35.

Ouçamo-l'O, ainda, quando com acentos de grande tristeza advertia Israel: «Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.» Mateus 21:43.

Quem é esta «nação», vê-lo-emos, mais adiante, neste mesmo artigo.

Estas predições cumpriram-se, e muito à letra.

Depois da destruição do Templo no ano 70 da nossa era, começou o longo período da dispersão judaica que se prolongou, durante dezanove longos séculos.

A existência do minúsculo Estado de Israel não faz senão acentuar esta dispersão, pois que, fora do seu pequeno território, vivem dispersos pelos quatro cantos da terra, uns doze milhões de descendentes de Abraão.

Mas os Hebreus não estão destinados a ser errantes, para sempre.

O Deus de Abraão não imputa aos filhos as culpas e os pecados dos antepassados.

Embora tenham perdido o direito ao seu estado de povo eleito, os Hebreus são, ainda, «amados por causa dos pais» — Romanos 11:28. A Providência preservou a descendência de Abraão depois da vinda do Messias de uma ma-

neira tão sobrenatural como antes do seu advento.

Desafiando qualquer analogia histórica, o povo judeu sobreviveu à impiedosa opressão que lhe foi infligida pela Roma pagã, pela cruel Inquisição de Torquemada, pelos sanguinolentos massacres na Rússia, pelas infernais câmaras de gás dos nossos tempos.

Esta extraordinária resistência da raça hebraica não pode ser atribuída, meramente ao acaso ou a coincidências fortuitas. A Sagrada Escritura revela um plano de origem divina, em virtude do qual, cada filho e filha de Abraão pode adquirir, *individualmente*, aquele estado de privilégio que outrora era apanágio da estirpe judaica enquanto *nação*.

Este plano, como veremos, imediatamente, é tão justo, como amplo na sua concepção, tão generoso naquilo que oferece, que constitui, para todo o descendente de Abraão um desafio e uma oportunidade.

Desde o momento em que, como se viu, os Hebreus como *nação* já não são o único meio para difundir no mundo o conhecimento de Deus, é natural que perguntemos: Então, quem é que os substituiu nesta sagrada e importante missão?

Jesus Cristo resolveu com clareza tal questão, quando, como já se viu, disse aos Judeus que «o reino de Deus» lhes seria tirado e que «seria dado a uma nação que desse os seus frutos». — Mateus 21:43.

Quem deveria ser este «povo» ou «nação» que teria de executar a obra sagrada, que havia sido confiada aos descendentes literais de Abraão?

Uma vez que os Judeus, como nação tinham sido rejeitados, Jesus não poderia referir-se a nenhuma outra gente senão a não-judeus, isto é, aos Seus discípulos de toda a nação, tribo, língua e povo. Isto estava perfeitamente de harmonia com as predições dos profetas do Antigo Testamento, os quais tinham entrevisto a entrada dos Gentios no aprisco de Israel. Era, também, o cumprimento da promessa que Deus fizera a

Abraão quando, *sob o ponto de vista ritual* ele ainda era gentio, promessa segundo a qual ele devia ser «o pai de muitas nações» e a sua descendência devia ser *numerosa* como as estrelas do firmamento. — Gênesis 15:5; 17:5.

Desde o momento em que a Sagrada Escritura falando dos Israelitas literais declara que eles «eram menos em número que outro povo» (Deuterenômio 7:7) a supra mencionada promessa de uma descendência inumerável deve necessariamente referir-se à conversão de uma grande multidão de Gentios.

Mas talvez se nos possa perguntar: Como é que um gentio poderá tornar-se descendência de Abraão, ou seja israelita?

A Sagrada Escritura responde: «Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa.» (Gálatas 3:29).

Por outras palavras, em virtude de terem aceitado o Messias, os Gentios tornaram-se automaticamente israelistas espirituais e «participantes da promessa feita em Cristo Jesus, mediante o Evangelho.» (Éfesos 3:6).

Um dos preconceitos mais espalhados no seio da Cristandade é que o israelita significa invariavelmente, hebreu em sentido literal. Mas esta ideia está em completo desacordo com a Sagrada Escritura.

Vejam os que diz o apóstolo S. Paulo:

«...nem todos os que são de Israel, são israelitas; nem por serem descendência de Abraão, são todos filhos de Abraão...» «Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne; mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito não na letra.» Romanos 9:6-7; 2:28-29.

Em cumprimento da promessa de Deus feita a Abraão, com o decorrer dos séculos, o Israel espiritual cresceu rapidamente em número, e hoje, num crescendo sempre cada vez mais imponente, está cumprindo a obra que o antigo

Israel deveria e poderia ter realizado: recobrir a terra do conhecimento do Senhor, «como as águas recobrem o mar».

Estes crentes gentios herdaram não só o título de Israelitas, mas também herdaram todas as bênçãos que em tempos haviam sido concedidas ao Israel literal.

Dirigindo-se a estes Israelitas, o apóstolo Pedro diz deles aquilo mesmo que já foi verdadeiro a respeito do Israel literal: «Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes d'Aquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus.» (I Pedro 2:9,10).

Para citar as palavras da Irmã White «Proclamando a toda a nação, tribo, língua e povo as verdades do evangelho eterno, a Igreja de Deus na terra, cumpre, agora, a antiga profecia: «Israel florescerá e brotará e encherão de frutos a face do mundo» (Isaías 27:6).

Então o judeu foi posto de parte? Não, de maneira nenhuma!

Vejam os, ainda, o que diz S. Paulo: «Porventura tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios para os incitar à emulação. E, se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério. Para ver, se de alguma maneira, posso incitar à emulação os da minha carne, e salvar alguns deles. Porque, se a sua rejeição é a redenção do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida de entre os mortos?» (Romanos 11:11-15).

«Foram cortados» do tronco espiritual de Abraão «pela sua incredulidade», mas se não perseverarem na sua incredulidade, serão de novo enxertados, porque Deus é poderoso para de novo os enxertar.

Com respeito à descendência literal de Abraão, foi dito que

«também agora neste tempo ficou um resto, segundo a eleição da graça.» (versículo 5). Quando chegar «a plenitude dos Gentios» e a pregação do Evangelho estiver próxima do seu grandioso «final», na fase conclusiva do «grito com grande voz» (veja-se Apocalipse 18:1-4), então, «o remanescente (dos judeus) será salvo.» (Romanos 9:27).

E, maravilha das maravilhas, entre este «remanescente» haverá uma magnífica representação das dez tribos «perdidas» do antigo reino setentrional de Israel, as que foram deportadas pelos Assírios e nunca mais tornaram a formar um povo unido. Cumprir-se-ão, assim, as profecias de Ezequiel 37-21,22 e de Oseias 1:11.

Vejamos, ainda, o que diz a Irmã White:

Nenhuma promessa de completa restauração do primitivo poder foi feita às dez tribos tão longamente rebeldes e impenitentes... Deveriam «andar errantes entre as nações», até o fim dos tempos. Mas através de Oseias foi-lhes anunciada uma profecia que punha diante deles o privilégio de terem uma parte na restauração final do povo de Deus, no fim da história terrena, quando Jesus aparecer com Rei dos reis e Senhor dos senhores». — *Prophets and Kings*, pág. 298.

No segundo advento de Jesus, todas as promessas acerca de

Abraão e à sua descendência, feitas por Deus, através dos profetas — e que até agora ainda não se cumpriram — se realizarão plenamente. O pai dos crentes (Abraão e a sua descendência — os fiéis de toda a nação, tribo, língua e povo — herdarão o mundo inteiro. (Romanos 4:13).

O trono de David, que ficou vago com a morte de Zedequias, o último rei judaico, será ocupado por Aquele que nele reinará, por direito próprio. A radiosa cidade celeste que Abraão viu, de longe, a «nova Jerusalém», a «cidade que tem os verdadeiros fundamentos e cujo architecto e construtor é Deus», descera, então, do céu para coroar a nova criação. Apocalipse 21:1; Hebreus 9:10.

O plano da gloriosa teocracia revelado a Ezequiel tornar-se-á, finalmente, uma realidade eterna.

«E ouvi uma grande voz do céu que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.» Apocalipse 22:3,4.

Não serão, porventura, estas realidades, verdadeiros incentivos a estimularem cada judeu a que se una à multidão inumerável do Israel espiritual em marcha para a Canaã celeste?

Quanto não deveremos estar gratos a Deus pelo facto de este apelo para nos unirmos à multidão dos crentes que se dirigem para a Sião celeste não tenha sido limitado a um pequeno número de eleitos, mas que se tenha estendido a toda a nação, tribo, língua e povo, a todo o coração aberto à verdade revelada nas Sagradas Escrituras!

«Vem» — até que a porta da graça esteja aberta: eis o apelo do Céu, prezado Irmão.

«E o Espírito e a esposa dizem: Vem... E quem tem sede, venha; e quem quizer, tome de graça da água da vida». — Apocalipse 22:17.

(Continuação da pág. 5)

cacto retrocedeu e, com ela, todos os insectos, menos uma pequena porção, o suficiente para preservar, para sempre, de outro alarmante crescimento de cactos.

7.º — O facto de o homem conceber a ideia de um Deus, é, por si a prova de que Deus existe.

O conceito de Deus vem de uma faculdade divina do homem, que não se encontra nos animais, e que se chama inteligência. É só mediante esta faculdade que o homem, e só o homem pode compreender, aprender, perceber a evidência das coisas não vistas.

O campo que este poder nos abre é ilimitado; na verdade logo que a inteligência do homem se aperfeiçoa e se torna uma realidade espiritual, pode ele discernir, em toda a evidência de desígnios e de finalidades, a grande verdade que o Céu está em qualquer parte, e em toda a parte; que Deus está em cada coisa, mas em nenhum outro lugar tão próximo como nos nossos corações.

É uma verdade científica o que o Salmista afirmou:

«Os Céus manifestam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos.»

Inauguração de um Colégio Evangélico na Etiópia pelo Imperador Selassié

Sua Magestade Imperial, Hailé Selassié, da Etiópia, inaugurou, formalmente, o novo Colégio Evangélico Etíope, em Debrei Zeit, perto da capital, a cidade de Adis Abeba.

O Colégio que tem capacidade para 200 alunos internos é a única escola secundária, no país, de orientação religiosa.

O imperador etíope falando aos estudantes advertiu-os contra o uso da preparação que estavam recebendo, para fins malignos, instando-os a que «utilisassem os conhecimentos que viessem a adquirir, para o benefício do seu próximo».

NOTÍCIAS DO CAMPO

MUDANÇAS DE OBREIROS

Atendendo à necessidade e progresso da Obra do Senhor, e tendo em vista a ordem do Mestre, os seguintes obreiros foram chamados a prestar a sua colaboração noutros campos.

Assim, a Missão da Madeira acaba de receber como seu director o Pastor Fernando Mendes que deixou as ilhas dos Açores, ficando em Ponta Delgada o obreiro António Simões, em Angra do Heroísmo o Irmão Adelino Diogo, e na ilha do Pico o colportor-evangelista Eduardo M. Andrade.

Acaba de chegar a Lisboa o Pastor Eliseu Miranda que tem como campo de trabalho as Igrejas de Canelas e Avintes. Para o Algarve dirige-se o obreiro J. J. Laranjeira, e o obreiro Filipe Esperancinha terá a seu cargo a Igreja de Tomar.

Rogamos ao Senhor que abençoe estes Irmãos nos seus novos campos de trabalho.

LISBOA

Realizou-se no passado mês de Outubro, nos dias 4, 5 e 6 a convenção anual de obreiros que teve lugar na Igreja de Lisboa.

Durante estes dias tivemos a alegria de ter entre nós o Irmão Cupertino, da Divisão Sul-Europeia, que nos veio comunicar belas mensagens de encorajamento e de entusiasmo, cheias de espírito evangélico e trazendo o selo da sua já mui vasta experiência.

Todos usufruíram dum ambiente bastante espiritual e acolhedor participando do mesmo desejo de «melhor servir» e partiram para os seus campos de trabalho levando consigo o calor de mais uma experiência junto de Cristo, e portanto novas forças e energias para a dura tarefa que os separa.

Apenas uma nota triste na nossa Convenção: a despedida do Irmão Pastor Pires, que por motivo de saúde terá de deixar o seu trabalho como pastor, continuando porém a dar-nos o calor da sua presença e experiência. Resta-nos contudo a certeza de que continuamos em conjunto «prosseguindo para o Alvo».

Entre as reuniões de Juventude temos a destacar uma intitulada «Poesia da Natureza» que nos proporcionou um ambiente de harmonia e prazer espiritual. Queremos louvar e felicitar os Jovens que puseram toda a sua boa vontade a fim de realizá-la.

Que os nossos Jovens continuem cheios de entusiasmo comunicando a toda a Igreja a seiva e beleza de uma Juventude que caminha para o Grande Ideal Cristão.

Há poucos dias despediu-se da Igreja de Lisboa o Pastor Manuel Margarido que regressou ao Brasil com a sua família. Apreciamos a sua presença aqui e agradecemos as palavras de conforto que sempre dirigiu à Igreja nos cultos a que presidiu.

O Pastor Pedro B. Ribeiro, Secretário-Tesoureiro da União, encontra-se em visita oficial às Igrejas do Arquipélago de Cabo Verde, encontrando-se por alguns dias ausente da Igreja de que é pastor.

Que em breve o possamos ver de volta e ouvir dos seus lábios as notícias dos nossos irmãos de tão longe.

A igreja sente-se contente por receber mais um elemento colaborador na Evangelização do território de Lisboa; trata-se do evangelista José Manuel de Matos que acaba de finalizar o seu curso em França na Escola de Collonges. Que ele possa sentir-se bem acolhido pela Igreja e ser uma bênção para todos nós.

Ainda dos Jovens

E com grande satisfação que vemos como progridem as obras do nosso futuro salão de jovens, realizando um sonho de há muito acarinhado.

Contamos e estamos certos da colaboração de toda a Igreja e especialmente dos jovens, a fim de levar à frente este projecto que se nos afigura de particular importância para a nossa juventude.

Confiemos que o Senhor é quem dirige a Obra a façamos a nossa parte.

Os que dormem no Senhor

Sentimos o falecimento da nossa prezada irmã Laura de Carvalho que aconteceu no dia 21 de Outubro. No Cemitério da cidade de Tomar os seus restos aguardam a Manhã da Ressurreição.

CANELAS E AVINTES

Alegramo-nos em participar que no dia 9 de Outubro teve lugar na Igreja de Avintes o enlace matrimonial dos Irmãos Alberto Cosme d'Oliveira Martins, Director do M. V. e Aracy Soares Alves Simões, Secretária da Escola Sabatina. Foi Celebrante o Pastor Vítor Martinez que em presença de uma vastíssima assistência fez uma alocação alusiva ao acto, deixando em todos uma boa impressão. Ao novo par desejamos as mais ricas bênçãos de Deus a fim de que possam ser uma bênção para si e para a causa de Deus.

Aguardando a Ressurreição:

Descançou no Senhor, no dia 12 do corrente mês de Outubro, o querido Irmão Joaquim Domingues da Silva, membro da Igreja de Canelas, esposo da Irmã Maria da Conceição Domingues e pai do Irmão Inocêncio Domingues da Silva. Contava 62 anos de idade. A Família enlutada apresentamos os nossos pésames.

Canelas e Avintes 28 de Outubro de 1960.

J. J. Laranjeira

IGREJA DA BRAVA

No passado dia 30 de Agosto, faleceu o nosso saudoso irmão Henrique Teófilo Gonçalves, depois de 18 longos anos de paralisia, em cuja maior parte foi necessário servi-lo, dando-lhe, inclusivamente, a alimentação, na boca.

O nosso irmão adormeceu, plácidamente, no Senhor, na esperança firme da primeira ressurreição e na breve Volta do Senhor Jesus.

Partiu confortado com as palavras do Senhor em Job 19:25,26: «Porque eu sei que o meu Reden-

(Continua na pág. 16)

Toda a Igreja Cristã, isto é, todas as denominações cristãs esperam a segunda vinda de Jesus a este mundo.

Recorde-se, efectivamente, o que se lê no Símbolo dos Apóstolos, ou *Credo*: «...donde virá no fim do mundo julgar os vivos e os mortos».

A crença dos cristãos, em todos os tempos, foi sempre dirigida para a vinda de Jesus em sentido literal, chegando inclusive os cristãos dos primeiros tempos a pensar que a Volta de Jesus estava para breve, para aqueles seus dias.

Em certo sentido, pode dizer-se que Jesus vem às nossas almas por ocasião da nossa conversão.

Quando O aceitamos, vem ao nosso coração por meio do seu Espírito, e vai guiando a nossa vida. A experiência espiritual da descida do Espírito entre os apóstolos, dependia da ida de Jesus para o céu. Efectivamente Jesus dissera: «Se Eu não for, o Consolador (o Espírito Santo), não virá a vós; mas se Eu for, enviá-lo-ei.» (João 16:7; 14:26. Portanto, esta experiência de comunhão espiritual com Jesus por intermédio do seu Espírito está tão longe de ser a sua segunda vinda, que a comunhão depende da sua ida.

Quando Jesus falou da sua ida, disse aos discípulos que ia para lhes preparar lugar. E acrescentou: «Virei outra vez, e levar-vos-ei para Mim mesmo, para que onde eu estiver, estejais vós também.» (João 14:1-3).

É claro que Jesus não veio para levar os discípulos para as mansões celestiais no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre eles.

Quando, porém, Jesus vier outra vez, um dos aspectos salientes desse grandioso acontecimento será a assunção dos santos com Ele.

Disse o apóstolo Paulo aos Filipenses, os quais se tinham convertido e começado a andar no caminho cristão: «Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo.» (Filipenses 1:6).

CAIXA DE PERGUNTAS

«A segunda vinda de Jesus, a este mundo, será de maneira literal? Não será, antes, de maneira espiritual?»

Pois não é verdade que Jesus vem ao cristão, quando este se converte?»

Do mesmo modo falou aos Tessalonicenses, quando lhes declarou: «...como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus a seu Filho.» (I Tessalonicenses 1:9,10).

Em ambos os casos, as pessoas a quem Paulo se dirigia estavam convertidas, e em ambos os exemplos eram instruídas a olhar para a frente a «esperar dos céus» a vinda de Jesus.

Paulo não acreditava, decerto, que a vinda de Jesus se desse por ocasião da conversão, mas sim que a conversão nos prepara para o glorioso acontecimento futuro da vinda de um Ser pessoal, que foi ressuscitado de entre os mortos.

Quando Jesus veio a este mundo pela primeira vez, o seu Advento foi literal. Era Ele um Ser real entre os homens. Depois da sua ressurreição disse aos discípulos: «Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo: apalpai-me e vede.» (Lucas 24:39).

A sua primeira vinda foi real; a sua ressurreição foi real. Nada pode indicar que o seu segundo advento não seja, também, real.

Abundam as provas bíblicas relativas à Volta real do Senhor Jesus. Quando o Senhor Jesus subiu aos céus, dois mensageiros celestiais disseram aos discípulos: «Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir, assim como para o céu O vistes ir.» (Actos 1:11).

Junte-se a esta a seguinte afirmação do apóstolo Paulo: O mesmo Senhor descerá do céu.» (I Tessalonicenses 4:16).

Não se trata de nenhuma influência espiritual que tenha de vir do céu; trata-se, sim *desse mesmo Jesus, QUE EM CORPO E REALMENTE SUBIU AO CÉU; E QUE TAMBÉM EM CORPO E REALMENTE VIRÁ SEGUNDA VEZ.*

Nem será nenhum representante quer literal quer espiritual, que há-de vir.

É o mesmo Jesus, *esse mesmo* que subiu ao céu, *esse mesmo* é que há-de voltar.

Também se lê na Sagrada Escritura que quando Jesus vier, o brilho dessa vinda iluminará todo o céu, e a sua ofuscante glória fará com que os ímpios fujam aterrorizados. Lemos mais que, quando Jesus vier, os mortos serão trazidos à vida, e, reunidos aos justos vivos, subirão para se encontrarem com o Senhor nos ares. (Veja-se: Mateus 24:27; Apocalipse 6:14-17; João 5:28,29; (I Tessalonicenses 4:15-18).

A mesma evidência que estabelece o facto de que a vinda de Jesus é literal e que não deve confundir-se com a conversão, estabelece, também, que essa vinda não se pode verificar por ocasião da morte. Os ímpios não fogem aterrorizados da morte de um justo, nem os justos ressuscitam dentre os mortos, quando morrem; no entanto, a fuga dos ímpios e a ressurreição dos justos hão-de caracterizar o segundo advento.

Jesus há-de vir de modo tão real, que «todo o olho O verá, até os mesmos que O trespassaram.» Apocalipse 1:7.

Não existe tropeço para os filhos de Deus

Mas esforçai-vos e não desfaçam as vossas mãos: porque a vossa obra tem uma recompensa. II Crón.-15-7. E assim aconteceu. Nesta campanha Missionária que fizemos em Viseu, tivemos o privilégio de anotar muitas e curiosas experiências que bem mereciam ficar no conhecimento de todos os nossos irmãos; como porém, isso é impossível, relataremos aquilo que mais de perto se nos afigura em relação com este versículo. Combinamos ir visitar o Bairro Municipal que fica numa das extremidades da cidade e após termos batido a algumas portas cujos locatários não estavam, vimos duas mulheres a uma porta; fomos ao seu encontro, apresentamos a revista eu a uma e a irmã Guilhermina a outra.

Aquela, a quem me dirigi era relativamente nova — estava no seu estado interessante; disse-me que não tinha dinheiro! Dirigi-lhe duas palavras de ternura, que para outra vez seria e entreguei-lhe o folheto: a segunda Vinda de Jesus, dizendo-lhe apenas: ofereço-lhe este estudo Bíblico, leia. Retirou-se para dentro de casa lendo-o. De repente, chama aquela que conversava com a irmã Guilhermina, e lá dentro

diz-lhe de maneira que nós ouvimos: não compre isso que elas são protestantes! A outra vem dizer que não quer e nós seguimos separadas porque as casas são juntas e térreas e portanto todas viam que andávamos duas; aquela mulher saiu por outra porta foi procurar vizinhos rapidamente e diz o seguinte: andam aí duas «gaijas» e já iam levando 5\$00 à fulana... e dizem que é hoje o fim do mundo, que vem aí Jesus! a turba excitou-se, mas entretanto a irmã Guilhermina aproximava-se desse grupo sem desconfiar do que se tramava e como chegou a tempo de ouvir, procurou mostrar que ela se tinha enganado pois nós não falámos do fim do mundo! E quando a mulher ia para levantar a voz, eis que surge dum jardimzinho que as casas têm à frente, um sapo bastante grande e que se dirigia para o lado da mulher! Foi ela a primeira pessoa a vê-lo e assaltada por um medo incompreensível rompe em grande gritaria e a pedir que levem para longe aquele sapo, porque a apavora e teme que ele vá para o seu quintal e entre em sua casa! De verdade ela fugia para casa e o sapo seguia-a! Todos se riam com galhofa e já ninguém

se lembrava do fim do mundo que ela anunciava! Nesta altura aproximava-me eu sem saber o que se estava passando e reparando na aflicção da mulher vejo o bicho a segui-la. Procurei acalmá-la e vendo um sacho que um vizinho tinha na mão disse-lhe: se o senhor não atende ao pedido daquela senhora faça favor de me emprestar esse sacho que eu vou procurar mudar o rumo ao sapo, porque estando ela assim, não convém que fique impressionada por causa do bebé. Depressa se viu quem nós éramos e os restantes moradores do bairro, receberam-nos carinhosamente, inclusive o carcereiro da cadeia que há ali, tendo ficado com folhetos para distribuir pelos presos. Durante 15 dias distribuimos 2.500 folhetos, vendemos umas 300 revistas e nem um só folheto vimos no chão, como regularmente acontece!

O! queridos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, despertai e unidos alistemo-nos no exército onde há General, mas faltam os soldados.

Saudações Cristãs.

Guilhermina Zeferino e Michaela
Dias da Silva

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A SETEMBRO DE 1960

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Adelino Nunes Diogo	60	153	6.160\$00	—	1.450\$00	7.160\$00
António A. Tomás P. Aguiar	236	75	2.680\$00	70\$00	2.450\$00	5.200\$00
José Manuel de Matos	50	122	4.880\$00	—	1.200\$00	6.080\$00
António A. A. Fonseca	52	80	3.270\$00	—	—	3.270\$00
Artur Abreu de Oliveira	61	75	3.000\$00	—	600\$00	3.600\$00
Inácio Duarte da Conceição	192	146	2.594\$00	15\$00	900\$00	3.509\$00
António Gomes Duarte	104	45	1.800\$00	170\$00	350\$00	2.320\$00
Afonso António	177	5	200\$00	15\$00	1.700\$00	1.915\$00
Manuel Jorge de Mendonça	182	1	40\$00	350\$00	800\$00	1.190\$00
Elias Mendes Rodrigues	118	24	960\$00	—	—	960\$00
Maria Conceição Rezende	27	1	40\$00	130\$00	300\$00	470\$00
Maria Luiza S. Serra	20	—	—	—	450\$00	450\$00
Diversos	314	112	1.980\$00	15\$00	600\$00	2.595\$00
Totais.....	1.593	839	27.604\$00	765\$00	10.800\$00	39.169\$00

O Chefe de Colportores

Orlando Costa

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

O que pode a bemaventurada esperança

Um nosso colportor, em França, andando no seu trabalho, foi bater a uma casa, cuja família acabava de ser duramente experimentada pela adversidade. Um gendarme havia falecido, em consequência de um desastre, e deixara a viúva e três filhos menores, em circunstâncias difíceis. Quando o nosso irmão colportor bateu à porta, acudiu-lhe a dona da casa, que se encontrava verdadeiramente desesperada; o nosso irmão falou-lhe da gloriosa e bemaventurada esperança; aquela pobre viúva ganhou coragem e começou a receber estudos bíblicos. Foi baptizada, em Marselha; a sogra e outros membros da sua família estão a receber estudos bíblicos.

A obra das publicações no Vietnam

O Irmão Le Cong Giao, director do «Vietnam Signs Press», em Saigão escreve no seu relatório: «O ano de 1959 foi o melhor da história da nossa obra das publicações no Vietnam. Pela primeira vez, os nossos colportores puderam, praticamente, penetrar em todos os

REVISTA ADVENTISTA BRASILEIRA

Seria ingratidão da nossa parte se omitissemos os nossos cordiais agradecimentos à REVISTA ADVENTISTA BRASILEIRA pela maneira cativante com que se tem referido à nossa REVISTA ADVENTISTA.

Aproveitamos o ensejo para felicitar a nossa valiosa congênera brasileira pela sua magnífica apresentação, que em qualquer parte, é, verdadeiramente, notável.

Para a REVISTA ADVENTISTA BRASILEIRA desejamos, como para nós, as melhores bênçãos de Deus para podermos contribuir, poderosamente, para a próxima e gloriosa Vinda do Salvador.

quarteis e em todas as repartições oficiais, realizando boas vendas e obtendo, também, bons resultados no que diz respeito à salvação das almas. Recebemos admiráveis cartas tanto de oficiais como de soldados, exprimindo o seu profundo interesse para com a Mensagem Adventista. Sentimo-nos felizes por termos, aqui, numerosos e fiéis colportores. As dificuldades às quais temos continuamente de fazer

frente, não nos fazem perder a coragem.»

Neste país, seis dos nossos colportores perderam a vida, cumprindo a sua missão.

Oremos a Deus para que o sacrifício destes nossos irmãos contribua para salvar muitas almas.

Divisão Australasiática

Segundo os últimos relatórios, a Divisão Australasiática teve, durante o ano passado, 4 353 baptismos. Foi na União do Mar do Coral (Nova Guiné e Papua) que se verificou o maior número de baptismos, num total de 1 370.

Determinação oficial italiana

Anuncia-se que o Ministro da Defesa do Governo italiano autorizou os militares adventistas a repousar no Sábado e a trabalhar no domingo.

Sabe-se que um jovem militar adventista terá de comparecer diante do Tribunal Militar de Turim, por se ter recusado a trabalhar no Sábado; em vista da determinação governamental, espera-se que o nosso jovem irmão italiano seja absolvido.

Notícias do Campo

(Continuação da pág. 13)

tor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.»

Foram estas, precisamente, as palavras de fé e de esperança que o Senhor, servindo-se de mim, semeou nos corações duns 40 ouvintes, em casa da falecida, e no cemitério.

Que a palavra de Deus tenha consolado e animado os que a ouviram e que os possa fazer crer

na ressurreição e na vida que é Jesus Cristo, nosso Único Salvador.

Por intermédio da nossa REVISTA ADVENTISTA apresento sentidos pêsames a seus sobrinhos e demais família, Sr. André Camilo, D. Matilde de Burgo Camilo, D. Ilda Gibau, nossos irmãos na fé, e ainda ao Sr. Eduardo André Camilo.

Confortando-os na certeza de que o abraçarão em breve na ressurreição, fico vosso dedicado Irmão em Cristo Jesus.

Isaiás da Silva

Deus conosco

Chamá-l'O-ão pelo nome de Emanuel... Deus conosco. O brilho do conhecimento da glória de Deus vê-se na face de Jesus Cristo. Desde os dias da eternidade, o Senhor Jesus era um com o Pai; era «a imagem de Deus», a imagem da sua grandeza e majestade, «o resplendor da Sua glória.» Foi para manifestar essa glória que Ele veio ao mundo. Veio à terra entenebrecida pelo pecado para revelar a luz do amor de Deus, para ser «Deus conosco». Por isso a seu respeito foi profetizado: «Chamá-l'O-ão pelo nome de Emanuel.» (O Dessejado de todas as Nações, pág. 13).